



**MusA**

**MUSEU DE ARTE da UFPR**

**DO ÓLEO À RESINA:  
A DIVERSIDADE  
PLÁSTICA DO  
ACERVO MUSA**



# MusA

MUSEU DE ARTE da UFPR

No ano de 2002, por iniciativa da então Pró-Reitora de Extensão e Cultura, Maria José Justino e pela artista plástica e professora Dulce Osinski, foi criado o MusA - Museu de Arte da Universidade Federal do Paraná. Durante estes quinze anos, o museu foi pensado como espaço de exposição, pesquisa artística, acadêmica e preservação da memória.

O compromisso assumido permeia o trânsito entre fomentar o trabalho de artistas reconhecidos com novas pesquisas priorizando a arte paranaense. Além de receber exposições, o MusA destaca-se por ser uma instituição museológica universitária que busca aproximar arte, pesquisa e extensão disseminando o conhecimento por meio de exposições, mostras, palestras, mesas-redondas e ações educativas. Atualmente conta com aproximadamente 250 obras em seu acervo, dentre pinturas, gravuras, desenhos e esculturas.

O MusA lança o desafio de promover a primeira exposição de longa duração, intitulada "Do óleo à resina: a diversidade plástica do Acervo MusA", são 31 obras datadas do final do século XIX aos dias atuais. Sendo assim, do transitório ao permanente, desejamos que este espaço oportunize diálogos entre artistas e não artistas, passado e presente, e acima de tudo que abrace a diversidade existente na cena artística e cultural parananense.

Será um enorme prazer recebê-los/as neste espaço cultural.

**Cristiane dos Santos Souza**  
Coordenadora de Cultura

# Do oleó a resinà:

## A diversidade plástica do Acervo MusA

O MusA em 2017 está completando 15 anos. Durante esses anos, o museu idealizado no início dos anos 2000 pela Pró-Reitora de Extensão e Cultura e Coordenadora de Cultura na época Maria José Justino e Dulce Osinski respectivamente, foi formulado, reformulado, esquecido e retomado inúmeras vezes, ora por motivos estruturais, ora por motivação orçamentária, pois o percurso de uma instituição cultural em nosso país é cheio de obstáculos, é preciso persistir.

Maria José e Dulce persistiram, foram incansáveis, elas pensaram e lutaram para que a universidade mais antiga do Brasil pudesse ter um museu de arte voltado para a pesquisa artística e preservação da memória da arte brasileira e paranaense. A pedra fundamental do museu foi lançada por essas duas mulheres, artistas, professoras, pesquisadoras, entusiastas da arte e importantes nomes no cenário cultural de Curitiba. Nas palavras de Dulce Osinski, o MusA foi pensado para fomentar a pesquisa em arte para além dos nomes já consagrados, contemplando arte clássica e também aquela que dialoga com as vertentes da arte popular, assim como ser um laboratório de formação e experiências para os alunos dos cursos de Artes da UFPR.

O Museu como conhecemos hoje, nem sempre foi assim: a equipe técnica cresceu, projetos de extensão e de pesquisa se estabeleceram, o acervo foi catalogado seguindo as normas museológicas. Agora trazemos ao público a primeira exposição de longa duração sobre esse acervo. A sala de exposição permanente foi idealizada para ser um espaço de aprendizado, reflexão e trocas acerca da história da arte brasileira.

O acervo MusA é constituído à partir de uma coleção formada na UFPR desde os anos de 1960 e reunida em 1991, há aquisições da própria Universidade – é o caso de algumas obras de Theodoro De Bona e Curt Freyesleben – e aquisições em premiações em edições do Salão Paranaense de Belas Artes que agitaram a cena artística da cidade durante o século XX. E posteriormente com a criação oficial da instituição, de doações de artistas e colecionadores.

Ao se falar de um acervo, uma coleção ou de uma obra de arte em si é necessário primeiro fazer uma pausa; pausa para observar, se aproximar, pesquisar, analisar, refletir, para aí então podermos nos expressar. Essa reflexão demanda aproximação e distanciamento ao mesmo tempo, pois estamos falando de algo que anteriormente não era conhecido e que depois se tornara.

A exposição "Do óleo à resina: a diversidade plástica do Acervo MusA" pretende aproximar o museu e o público, dando oportunidade ao visitante de mergulhar em parte desse acervo até então pouco visitado, mas que fala da história da arte brasileira, de lugares e de pessoas, de um tempo que passou, mas que permanece, pois está em constante transformação através dos diferentes olhares.

A linha curatorial para uma primeira exposição de longa-duração contempla a diversidade plástica do acervo. São 31 obras, que em uma análise temporal percorrem cem anos de história e trazem o amadurecimento da arte produzida em terras paranaenses, desde o início do século passado quando a pequena Curitiba provinciana buscava a sua identidade na pintura até tempos mais atuais, onde hoje, a arte produzida aqui, dialoga com o que é de mais atual na linguagem artística mundial.

Percorreremos de óleos sobre telas de Alfredo Andersen a Leonor Botteri, passando pelos mestres Guido Viaro e Theodoro De Bona em suas legítimas paisagens paranaenses à obras abstratas de Fernando Velloso, Arcangelo Ianelli, Mário Rubinski, Fernando Calderari e Anna Bella Geiger. Outras linguagens plásticas podem ser vistas nas obras de Newton Goto, Dulce Osinski, Raul Cruz, Paulo Bruscky, Elizabeth Tilton e muitos outros. A diversidade das obras aqui expostas vai muito além do suporte em si, são técnicas, linguagens, estilos e temáticas que tornam esse acervo único e singular. Uma singularidade que nos traz múltiplas referências, múltiplos significados, apreciações e ressignificações.

Lidiane do Nascimento Silva  
Museóloga do MusA - Museu de Arte da UFPR

## Onde tudo começou:

As obras de **Alfredo Andersen** presentes no acervo datam do início do século XX. Andersen é natural da Noruega, onde se formou e iniciou sua produção artística, em umas de suas viagens ao continente americano decide se fixar no Paraná pois se encantou pelo lugar e por ter encontrado um movimento artístico promissor que o atraiu. É considerado o pai da pintura paranaense devido as iniciativas que teve no campo das artes, sua escola de desenho e pintura no início do século XX é que vai formar as primeiras gerações de artistas profissionais no Paraná. Nessas quatro paisagens em pequenos formatos, seu olhar estrangeiro soube estranhamente captar as cores e nuances da paisagem paranaense como alguém que pareceu ter nascido nessas terras.



Alfredo Andersen, Paisagem I, 1908  
Óleo sobre tela



Alfredo Andersen, Paisagem IV, 1913  
Óleo sobre tela

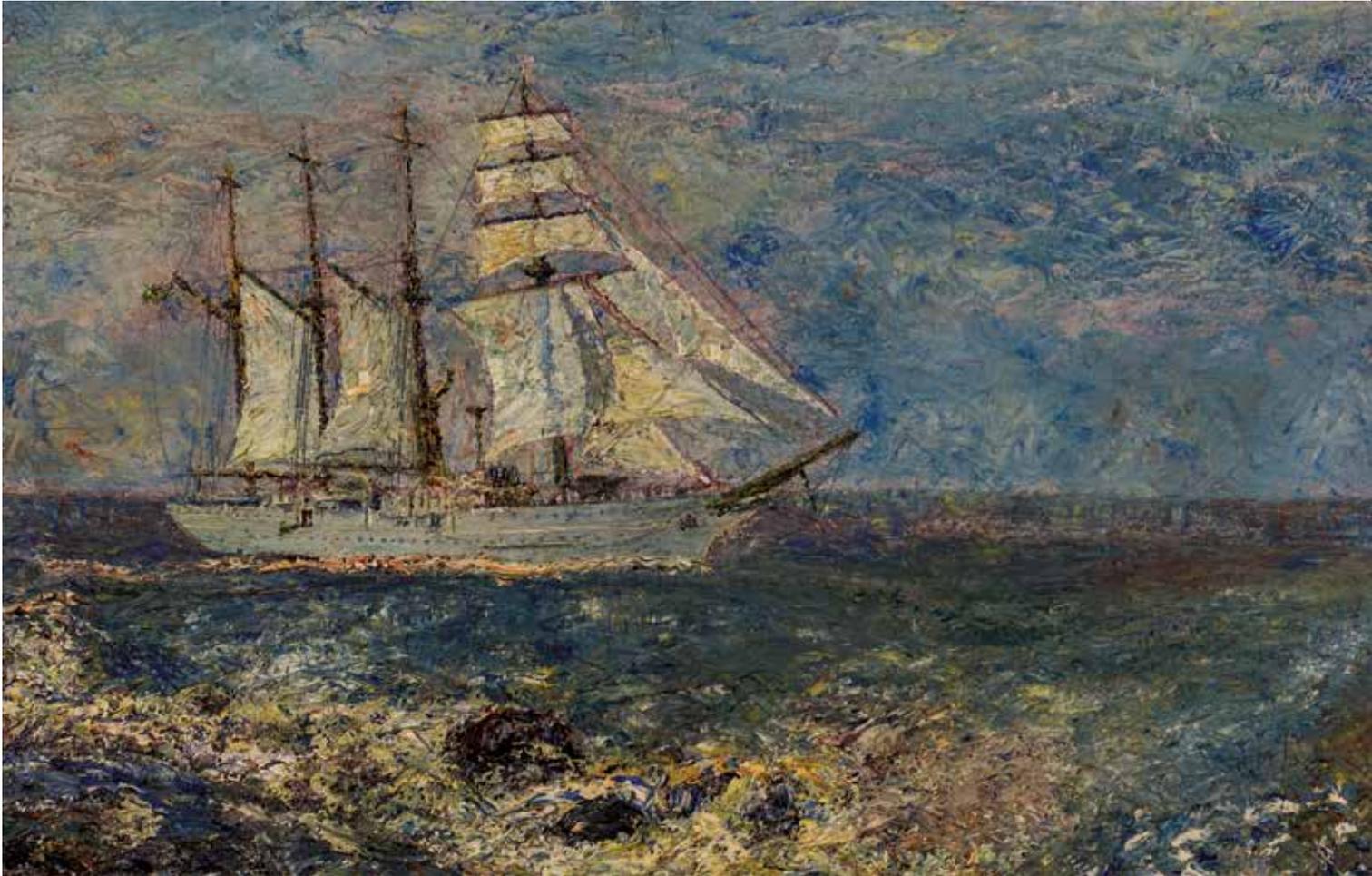


Alfredo Andersen, Paisagem III, sem data  
Óleo sobre tela



Alfredo Andersen, Ilha do mel, sem data  
Óleo sobre tela

O expressionismo de **Miguel Bakun** pode ser contemplado na obra "A Repressão" de 1958, onde a paleta contida e uma pincelada que parece desintegrar no espaço da pintura, nos levam a uma compreensão do todo como um lugar que tudo parece ser uma coisa só, uma harmonia na composição que contrasta constantemente com o tema das obras. É como se pudéssemos falar de um expressionismo invertido: onde a pincelada e temática tempestuosa, estranhamente nos conduzem a um ambiente repleto de harmonia e equilíbrio.



Miguel Bakun, A repressão, 1958  
Óleo sobre tela

As paisagens paranaenses também estão nas obras de **Theodoro de Bona**, **Arthur Nísio** e **Guido Viaro**.

**Theodoro De Bona** estudou com **Alfredo Andersen** entre seus 18 e 23 anos, após esse período passou uma longa temporada na Itália, onde estudou na Real Academia de Belas Artes de Veneza e expôs em diversas mostras em Florença, Roma e Veneza. De Bona percorreu por todos os gêneros da pintura e do desenho, mas é como pintor de paisagens que sua produção se torna mais emblemática.

A monumentalidade das formas do Parque Estadual de Vila Velha pode ser sentida nessa obra de Theodoro De Bona, um dos mais importantes artistas paranaenses.



Theodoro De Bona, Vila Velha,  
1943  
Óleo sobre tela

O gênio animalista **Arthur Nísio**, acostumado aos grandes formatos, mostra o domínio e o conhecimento que tinha sobre as formas anatômicas dos animais. Nessa pintura, a composição nos traz uma atmosfera romântica onde a paisagem parece ter sido clicada por uma lente de uma câmera fotográfica.



Arthur Nísio, Sem título, sem data  
Óleo sobre tela

**Guido Viaro** foi também um dos nossos pioneiros, conseguiu romper os laços com a pintura acadêmica, apresentando uma nova proposta artística numa cidade que se ressentia de mais informações sobre os novos movimentos artísticos mundiais. Um dos precursores expressionistas na arte paranaense. Expressionista no sentido mais primitivo da palavra, ela valorizava a genuína expressão, sobretudo na forma de ensinar seus alunos. Aveso à arte acadêmica ele pinta o homem e a terra, a paisagem e quem a habita.



Guido Viaro, Paisagem nº 2, sem data  
Óleo sobre tela

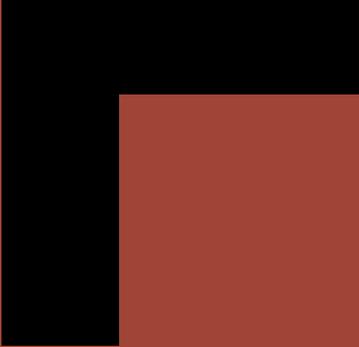
**Leonor Botteri** de vertente expressionista, um expressionismo estranho e inquietante nas palavras do crítico de arte Fernando Bini. Suas pinturas parecem ultrapassar os limites da trama da tela, devido à força de suas obras, das cores utilizadas e das formas e das figuras humanas, nos dá a impressão de fazer parte daquele cenário.



Leonor Botteri, Natureza morta,  
sem data  
Óleo sobre tela



Leonor Botteri, A Menina, 1960  
Óleo sobre tela



abstracao



A arte abstrata já consagrada no eixo Rio-São Paulo a partir da década de 1950; em terras paranaenses aconteceu tardiamente, mas nem por isso essa transição da arte acadêmica para as novas tendências abstratas se mostrou menos importante ou mais natural.

**Fernando Velloso** foi um ativo participante do “Movimento de Renovação das Artes Paranaenses” de 1957. Dentro do movimento, passou a desenvolver um estilo que foi sua marca desde então: uma pintura abstrata com elementos pós-cubistas.

“O que se convencionou chamar de movimento abstracionista no Paraná, ou mais precisamente em Curitiba, não era nada mais, nada menos, que a culminância de um movimento que se iniciara com o objetivo de impedir o domínio que a pintura acadêmica tinha sobre todas as fontes de informações, as poucas galerias e principalmente o Departamento de Cultura, que organizava o Salão Paranaense” (VIRMOND, 1986).

As telas do início dos anos 60 guardam nomes alusivos a paisagens, mas foram realizadas dentro da perspectiva abstrata, sem conter um tema figurativo explícito, como em “Composição em Castanho” de 1961. Essa obra inclusive foi um marco na história da arte paranaense, pois foi a primeira vez que uma obra abstrata é premiada com medalha de ouro no XVIII Salão Paranaense de Belas Artes em 1961. Outros artistas abstratos foram premiados nos salões ao longo dos anos 60, na exposição temos significativos exemplares de obras de artistas que problematizam a arte figurativa e a arte abstrata: **Mário Rubinski, Fernando Calderari, Anna Bella Geiger e Arcangelo Ianelli.**

Fernando Velloso, Composição em castanho, 1961  
Óleo sobre tela





Fernando Calderari, Pintura em vermelho, 1968  
Óleo e entalhe sobre madeira



A. Ianelli  
1960

Arcangelo Ianelli, Sem título, 1960  
Óleo sobre tela



Anna Bella Geiger, Composição nº8, 1961  
Água-tinta e água-forte sobre papel



Mário Rubinski, Pintura C, 1980  
Óleo sobre Eucatex

## Outras técnicas:

As obras aqui reunidas mostram diferentes técnicas e suportes utilizados pelos artistas, que através desses materiais constroem sua própria linguagem.

**Antonio Arney** é um típico exemplo de como materiais não nobres se tornam grandes obras de arte. Sua obra remete à memória, a natureza, ao tempo, através das texturas das madeiras de descarte que ele utiliza e as ressignifica. O resultado é uma composição que nos intriga e nos impressiona pela harmonia das formas.



Antonio Arney, *Composição de valores I*, 1978  
Colagem com madeiras e metais sobre madeira

**Dulce Osinski** percorre livremente por diversas formas de fazer arte: gravuras, desenhos, pinturas. A obra escolhida para compor essa exposição faz parte de uma série de desenhos realizadas no final dos anos de 1980 e início de 1990: "Retratos de Família". Inspirada por fotografias que lhe traziam emoções e memórias próprias, criou obras onde a linha do desenho e gestualidade da artista ficam em evidência.



Dulce Osinski, Retratos de Família, 1988  
Guache, aquarela, lápis-de-cor, pastel e grafite s/ papel

**Ruben Esmanhotto** conhecido por pintar casarios antigos e paisagens, deixa sua marca nessa obra; o prédio da UFPR de 1987, parece sacralizado. A construção do espaço é atemporal e o resultado é a monumentalidade de sua obra ser fiel ao objeto.



Ruben Esmanhotto, Sem título, 1987  
Acrílica sobre Eucatex

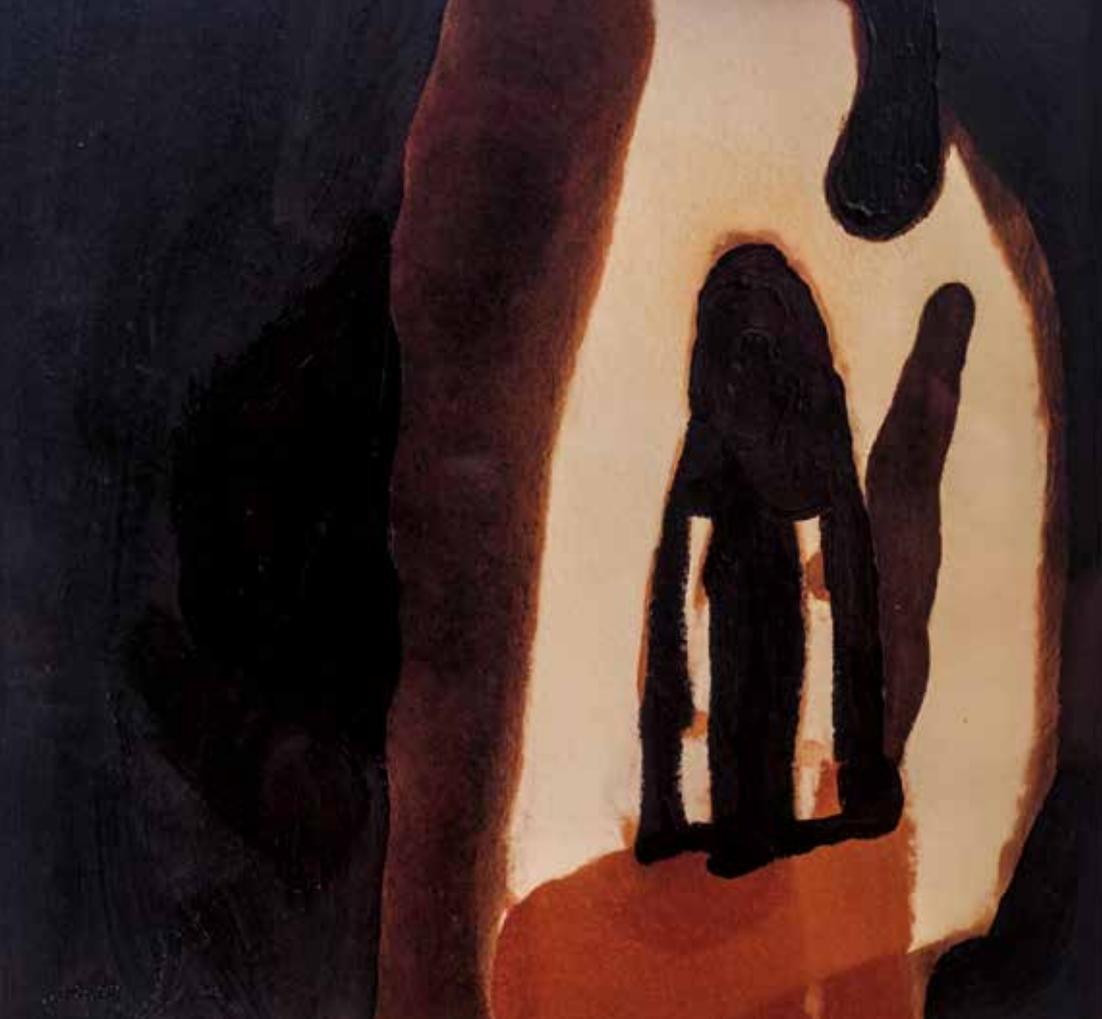
**Ricardo Carneiro** com suas formas e manchas de tinta atinge uma expressividade poética. Adalice Araújo, crítica de arte, muito sabiamente define: "Ricardo Carneiro tenta libertar a linha que aprisiona a forma, para falar numa linguagem pictórica específica".



Ricardo Carneiro, 1, 2001  
Acrílica e verniz sobre



Ricardo Carneiro, 2, 2001  
Acrílica e verniz sobre



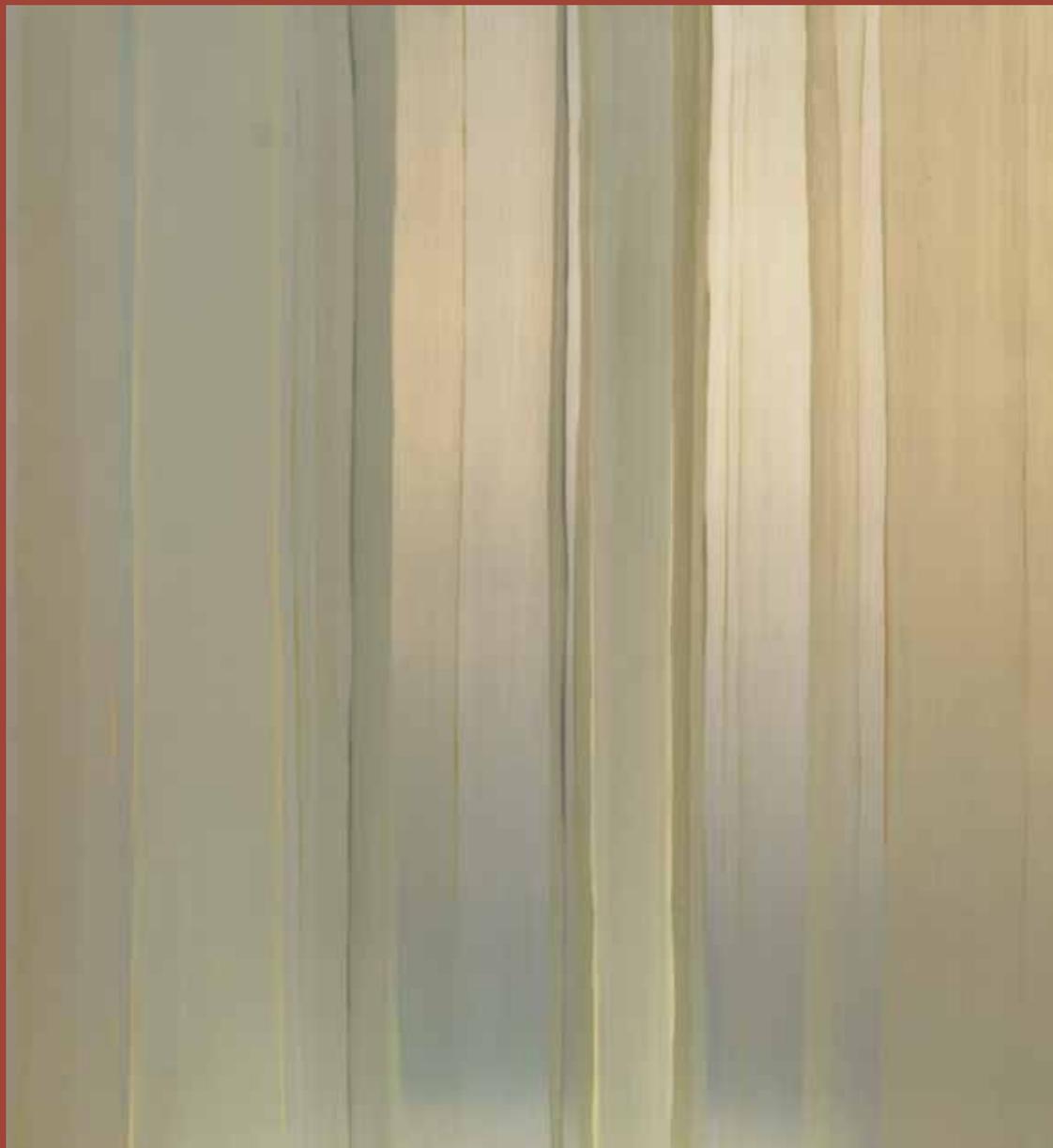
Ricardo Carneiro, 3, 2001  
Acrílica e verniz sobre

**Carina Weidle** uma artista contemporânea e conceitual que utiliza diversos suportes e técnicas não usuais para provocar, sugerir entendimentos, provocar sensações. Em "Nulo e Raso" através das características dos materiais utilizados, cria uma tensão no espaço da obra, onde a leveza do balão de látex é a base de apoio da estrutura em parafina.



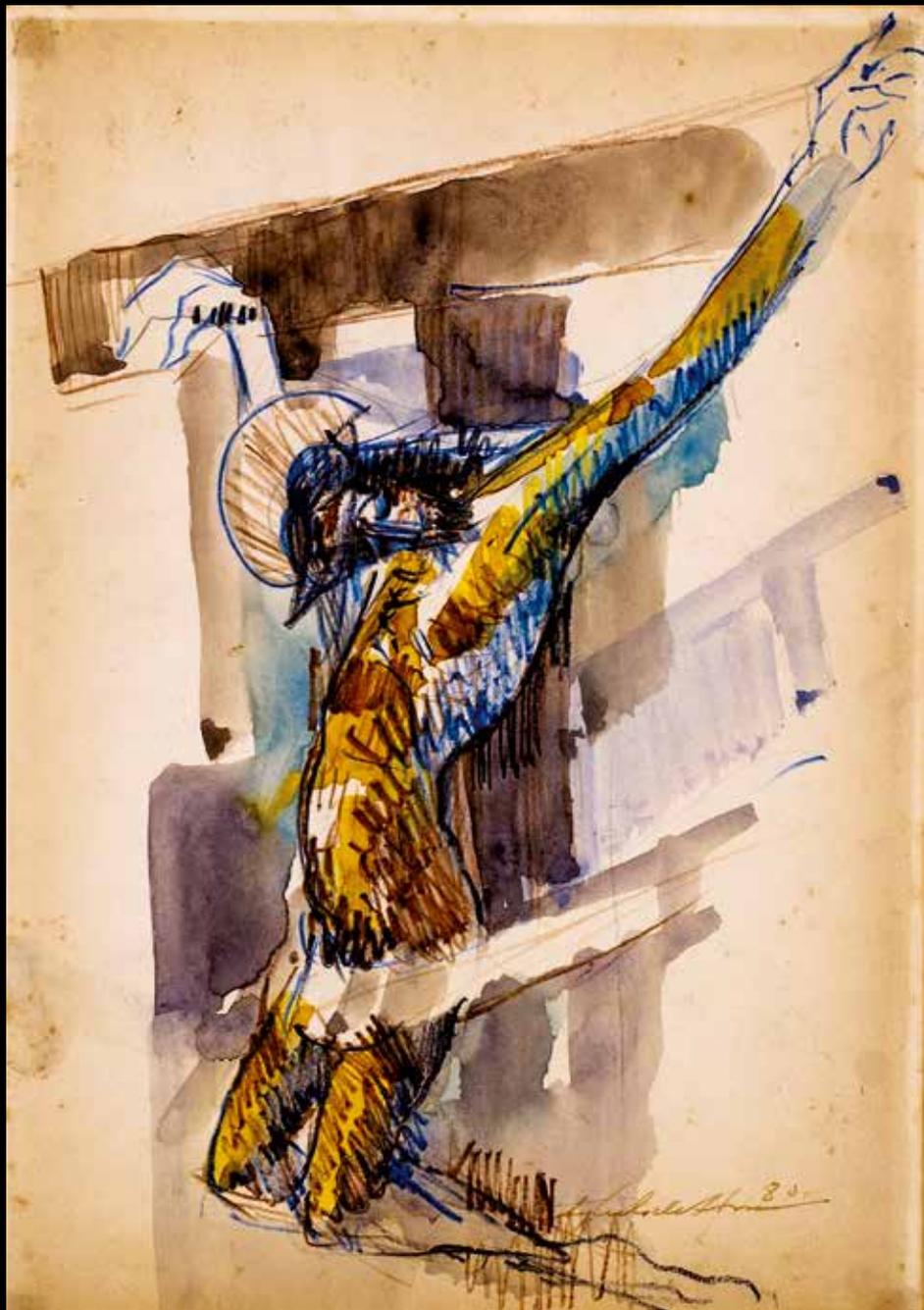
Carina Weidle, Nulo e Raso, 1992  
Parafina e balão de látex

**Tatiana Stropp** encontra nas chapas de alumínio o substrato próprio para o desenvolvimento de seu trabalho autoral, a cor é um aspecto interessante na sua produção, as camadas de tinta são simplificadas, proporcionando sua mistura no alumínio, criando efeitos de opacidade e de reflexos da luz ambiente na própria superfície da pintura.



Tatiana Stropp, 28.09,  
2008-2009  
Óleo sobre alumínio

**Luiz Carlos de Andrade Lima** buscava transmitir em sua obra a essência de sua cidade natal: Curitiba. Pintava figuras do povo, das ruas, percorria por diversos temas, com ênfase para os religiosos e os sociais. Nas suas composições era evidente a tendência figurativa expressionista.



Luiz Carlos de Andrade Lima,  
Sem título, 1980  
Desenho aquarelado e caneta  
hidrográfica sobre papel

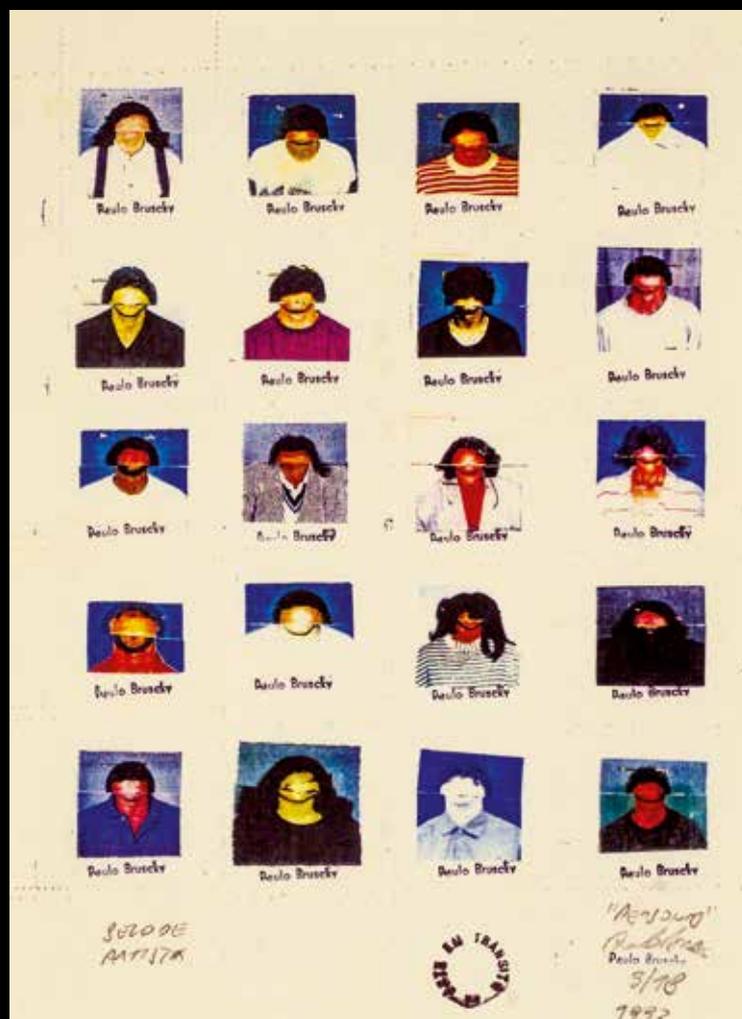
**Raul Cruz** aperfeiçoou-se nas práticas de gravura em metal e litogravura entre os anos de 1982-84, no Centro Cultural Solar do Barão. Na década de 1980, produziu gravuras e litogravuras e produziu cenários de peças no Teatro Guaíra e em 1987 começou a escrever e dirigir peças teatrais, paralelamente, produziu e expôs sua produção artística em exposições nacionais. A obra aqui exposta faz parte do álbum: Raul Cruz/ Linoleogravuras realizado pelo artista no ano de 1991.



Raul Cruz, Sem título, 1991  
Linoleogravura sobre papel

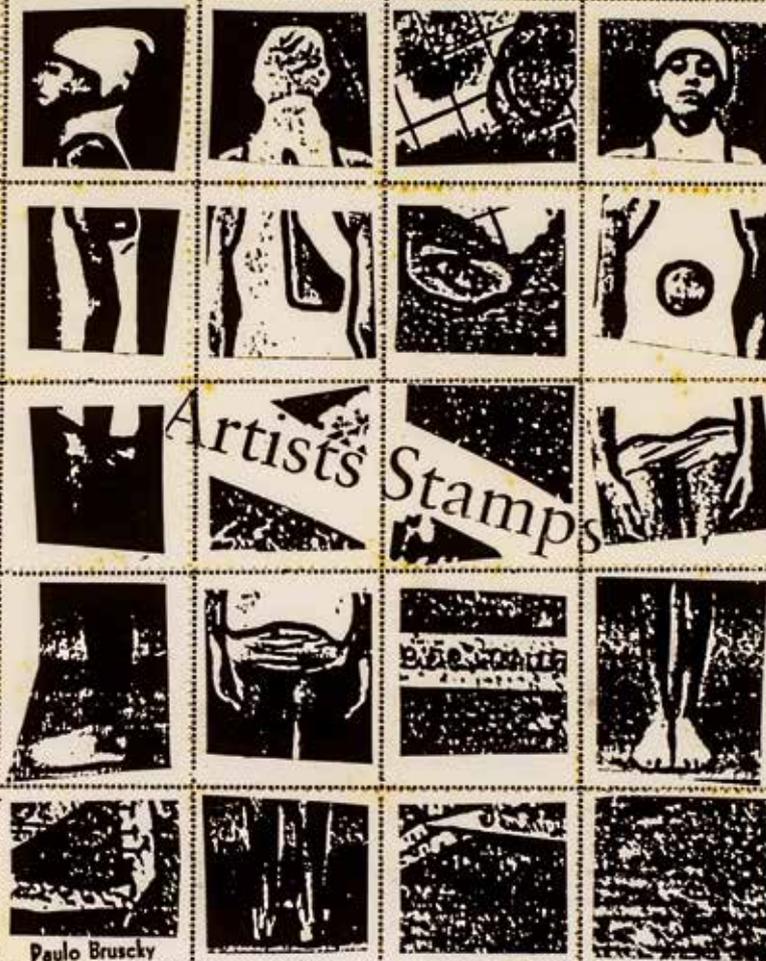
## Outras Linguagens: Arte conceitual e outras contemporaneidades.

**Paulo Bruscky** é um artista que durante os anos 1970 renovou a cena artística nacional por inserir na arte brasileira outros tipos de mídias como xerox, fax, carimbo, artdoor, entre outras. Bruscky desenvolve, através do uso de palavras e intertextualidade, um trabalho intenso, questionador, político, sem deixar para trás seu bom humor característico. As obras desse artista singular é uma das preciosidades do Acervo Musa, no acervo há mais de 25 trabalhos entre: postais, arte correio, xerografias e fotografias.



Paulo Bruscky, *Personas*, 1993  
Cópia fotoestática colorida  
sobre papel picotado

Paulo Bruscky,  
Performance, 1993  
Cópia fotoestática  
preto e branco sobre  
papel picotado



SOLD DE  
ARTISTA

Performance  
Paulo Bruscky  
5/30  
1993

**Newton Goto** é um artista difícil de definir e talvez seja exatamente essa a intenção do próprio. Suas obras percorrem por diversas linguagens plásticas e conceituais; na obra escolhida para compor a mostra, Goto escaneia desenhos e anotações de suas agendas, os amplia e imprime para assim realizar intervenções in loco nos impressos, em suas obras o artista questiona, problematiza, levanta questões e indagações.



Newton Goto, O encontro do Príncipe Encantado com a Rainha dos Baixinhos (ou Enigma ou Arte Degenerada II - A revanche, 1997  
Caneta esferográfica, caneta hidrográfica, lápis de cor e tinta acrílica sobre folha de agenda, cola, impressão digital sobre papel, laminação sobre foam

A produção artística de **Laercio Redondo** tem o tom de crítica social e comportamental ao mesmo tempo que pode gerar profundas reflexões ao espectador. Nessa série de fotografias intitulada "A Cura" de 2005 envolve questões da memória coletiva, dos anseios e repulsas dos indivíduos.



Paixão - passion - leidenschaft



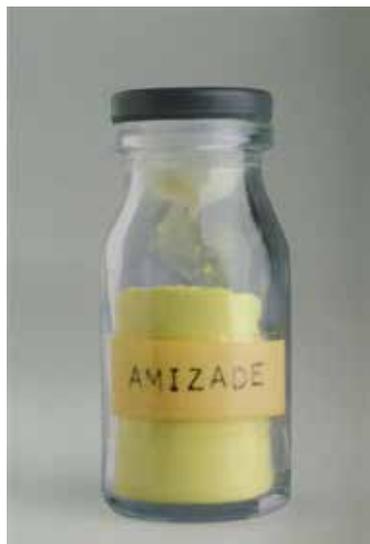
Destruição - destruction - zers-törung



Atração - attraction - anziehung



Sorte - luck - glück



Amizade - friendship - freundschaft



Desespero - desperation - verzweiflung



Felicidade - felicity - glückseligkeit

## Obras tridimensionais:

**Elvo Benito Damo** é um múltiplo artista por causa da grande quantidade de linhas em que atua, dos materiais que utiliza e da estrutura concebida de suas peças. A introdução dos animais na sua escultura se deve ao seu conhecimento e a sua vivência com o popular brasileiro. Em o "Bode de Rodas Vermelhas" de 1995 utiliza a sucata, o crítico Fernando Bini ressalta que é impossível ignorar o valor simbólico que ressalta da solução plástica, no Bode são milhares de latas de bebida, embalagens efêmeras, que nos leva à interrogações sobre a significação da arte além de deixarem clara a referência à Pop-art dos anos 60.



Elvo Benito Damo, Bode com rodas vermelhas, 1995  
Escultura em alumínio, madeira e bronze

**Elizabeth Tilton** busca uma linguagem própria originada do conflito entre o universal e o particular, esta busca se manifesta não apenas nas formas, mas também nos temas escolhidos. Na obra, participante da 5ª Mostra de Escultura João Turin em 1999, "A Alma se mostra aos olhos III", Tilton utiliza o alumínio, o vidro e a resina para compor uma escultura que o próprio título já sugere: a artista fala sobre a alma: as hastes polidas que sustentam as rosas, o variado tamanho e a sombra projetada por elas nos dá a entender que alma é oscilante, porém resistente em sua matéria. O busto em alumínio e a rosa vermelha no topo em resina iluminam e contrastam no conjunto da obra.



Elizabeth Tilton, A alma se mostra aos olhos III, 1997  
Escultura em alumínio, resina e vidro

## **MUSEU DE ARTE DA UFPR**

Lidiane do Nascimento Silva  
Museóloga

Ronaldo Santos Carlos  
Produtor Cultural

Deise Colucci  
Assistente em Administração

Gilberto Cabral Corrêa Junior  
Maria Zeli Alves Ribeiro  
Zuleica Ribeiro dos Santos  
Recepção

## **EXPOSIÇÃO**

Curadoria e Expografia  
Lidiane do Nascimento Silva

Pesquisa  
Lidiane do Nascimento Silva

Assistência de Pesquisa  
Deise Colucci  
Ronaldo Santos Carlos

Textos  
Lidiane do Nascimento Silva

Revisão de Texto  
Fernando Bini

Montagem e iluminação  
Deise Colucci  
Lidiane do Nascimento Silva  
Maria Zeli Alves Ribeiro  
Ronaldo Santos Carlos  
Zuleica Ribeiro dos Santos

## **CATÁLOGO**

Pesquisa de Conteúdo e Textos  
Lidiane do Nascimento Silva

Revisão de Texto  
Fernando Bini

Projeto Gráfico  
Wilson M. Voitena  
UNIGRAF/PROEC

Fotos das obras  
Nego Miranda  
Exceto p. 23 - arquivo do artista

Fontes de pesquisa  
Setor de Pesquisa e Documentação do  
Museu de Arte Contemporânea do Paraná  
Núcleo de Pesquisa do Museu de Arte da UFPR



## UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Reitor

**Ricardo Marcelo Fonseca**

Vice-Reitora

**Graciela Bolzón de Muniz**

Pró-Reitor de Extensão e Cultura

**Leandro Franklin Gorsdorf**

Coordenadora de Cultura

**Cristiane dos Santos Souza**

# MusA

**MUSEU DE ARTE** da UFPR

Rua XV de Novembro, 695 | 1º andar | Centro | Curitiba-PR  
musa@ufpr.br – 41-3310-2603